

MARILIA
DE
DIRCEO.
POR T. A. G.

SEGUNDA PARTE.



LISBOA:

NA TYPografia LACERDINA.

1804.

Com licença da Mezzi do Desembargo do Pago.



7.2.62
57

M A R I L I A
D E
D I R C E O.

L Y R A I.

JÁ não cíndo de loiro à minha testa,
Nem sonoras Canções o Deos me inspira:
Ah! que nem me resta
Huma já quebrada,
Mal sonora Lyra!

Mas neste mesmo estado em que me vejo,
Pede, Marilia, Amor que vá cantar-te:
Cumpro o seu desejo;
E ao que resta supra
A paixão, e a arte.

M A R I L I A

A fumaça , Marilia , da candêa ,
Que a molhada parede ou çuja , ou pinta ;
Bem que tosca , e fêa ,
Agora me pôde
Ministrar a tinta.

Aos mais preparamos o discurso apronta :
Elle me diz , que faça no pé de huma
Má laranja ponta ,
E delle me sirva
Em lugar de pluma.

Perder as uteis horas naõ , naõ devo
Verás , Marilia , huma idéa nova :
Sim , eu já te escrevo ,
Do que esta alma dita
Quanto amor approva.

Se

Quem vive no regaço da ventura ,
Nada obra em te adorar , que assombro faça :

Mostra mais ternura
Quem te estima , e morre
Nas mãos da desgraça.

Nesta cruel masmorra tenebrosa
Ainda vendo estou teus olhos bellos ,
A testa formosa ,
Os dentes nevados ,
Os negros cabellos.

Vejo , Marilia , sim , e vejo ainda
A chusma dos Cupidos , que pendentes
Dessa bocca linda ,
Nos ares espalhaõ
Suspiros ardentes.

Se alguem me perguntar onde eu te vejo ,
Responderei = no peito = que huns Amores
De casto desejo
Aqui te pintáraõ ,
E saõ bons Pintores.

Mal meus olhos te viraõ , ah ! nessa hora
Teu Retrato fizeraõ , e taõ forte ,
Que entendo , que agora
Só pôde apagallo
O púlso da Morte.

Isto escrevia , quando , ó Céos , que pejo !
Descubro a lér-me os versos o Deos loiro.
Ah ! da-lhes hum beijo ,
E diz-me que valem
Mais que letras de oiro.

—
L Y R A II.

Esprema a vil calumnia muito embora
Entre as mãos denegridas , e insolentes
Os venenos das plantas ,
E das bravas serpentes.

Chovaõ raios e raios , no meu rosto
Naõ has-de ver , Marilia , o medo escrito :
O medo perturbado ,
Que infunde o vil delicto.

Pódem muito conheço , pódem muito ,
As Furias infernaes , que Pluto move ;
Mas pôde mais que todas
Hum dedo só de Jove.

Este Deos convérteo em flor mimosa ,
A quem seu nome deraõ , a Narciso ,
Fêz de muitos os Astros ,
Qu' inda no Ceo diviso .

Elle pôde livrar-me das injurias
Do nescio , do atrevido ingrato povo ;
Em nova flor mudar-me ,
Mudar-me em Astro novo .

Porém se os justos Céos por fins ocultos
Em taõ tyranno mal me naõ soccorrem ,
Verás entaõ , que os fabios ,
Bem como vivem , morrem .

Eu tenho hum coraçãõ maior que o mundo .
Tu , formosa Marilia , bem o sabes :
Hum coraçãõ , e basta ,
Onde tu mesma cabes .

—
L Y R A III.

S Uccede , Marilia bella ,
A' medonha noite o dia :
A estaçao chuvosa e fria ,
A' quente secca estaçao .

Muda-se a forte dos tempos ;
Só a minha sorte naõ ?

Os troncos , nas Primaveras ,
Brotão em flores viçosos ;
Nos Invernos escabrosos
Largaõ as folhas no chaõ .

Muda-se a forte dos troncos ;
Só a minha sorte naõ ?

Aos

Aos brutos , Marilia , cortaõ
Armadas redes os passos ;
Rompem depois os seus laços ,
Fogem da dura prisão.

Muda-se a sorte dos brutos ;
Só a minha sorte naõ ?

Nenhum dos homens conserva
Alegre sempre o seu rosto ;
Depois das penas vem gosto ,
Depois do gosto afflicçao.

Muda-se a sorte dos homens ,
Só a minha sorte naõ ?

Aos altos Deoses movêraõ
Soberbos Gigantes guerra ;
No mais tempo o Ceo , e a Terra
Lhes tributa adoraçao.

Muda-se a sorte dos Deoses ;
Só a minha sorte naõ ?

Hade, Marilia, mudar-se
Do destino a inclemencia:
Tenho por mim a innocencia,
Tenho por mim a razaō.

Muda-se a sorte de tudo;
Só a minha sorte naō?

O tempo, ó bella, que gasta
Os troncos, pedras, e o cobre,
O véo rompe, com que encobre
A verdade a vil traiçaō.

Muda-se a sorte de tudo;
Só a minha sorte naō?

Qual eu sou verá o mundo,
Mais me dará do que eu tinha,
Tornarei a ver-te minha.
Que feliz consolaçao!

Naō ha de tudo mudar-se,
Só a minha sorte naō.

L Y R A IV.

J A' , já me vai , Marilia , branquejando
Loiro cabello , que circúla a testa ,
Este mesmo , que alveja , vai cahindo ,
E pouco já me resta.

As faces vaõ perdendo as vivas côres ,
E vaõ-se sobre os ossos enrugando ,
Vai fugindo a viveza dos meus olhos ;
Tudo se vai mudando.

Se quero levantar-me , as costas vergaõ ;
As forças dos meus membros já se gastaõ ,
Vou a dar pela casa luns curtos paſſos ,
Pesaõ-me os pés , e arrastaõ .

Se

Se algum dia me vires desta forte,
Vê que assim me naõ pôz a mão dos annos:
Os trabalhos, Marilia, os sentimentos,
Fazem os meus danos.

Mal te vir me dará em poucos dias,
A minha mocidade o doce gosto;
Verás burnir-se a pelle, o corpo encher-se,
Voltar a cór ao rosto.

No calmoso Veraõ as plantas seccão,
Na Primavera, que aos mortaes encanta,
Apenas cahe do Ceo o fresco orvalho,
Verdeja logo a planta.

A doença deforma a quem padece;
Mas logo que a doença fez seu termo,
Torna, Marilia, a ser quem era d'antes,
O definhado enfermo.

Sup-

Suppoé-me qual doente , ou qual a planta ,
No meio da desgraça , que me altera :
Eu tambem te supponho qual saude ,
Ou qual a Primavera.

Se daõ esses teus meigos , vivos olhos
Aos mesmos Astros luz , e vida ás flores ;
Que effeitos naõ faraõ , em quem por elles
Sempre morrêo de amores ?

L Y R A V.

O S mares , minha bella , naõ se movem ;
O brando Norte assopra , nem diviso
Huma nuvem sequer na Esfera toda ,
O destro Nauta aqui naõ he preciso ;
Eu só conduzo a não , eu só modéro
Do seu governo a roda.

Mas

Mas ali ! que o Sul carrega, o mar se empolla,
Rasga-se a véla , o mastaréo se parte !
Qualquer varão prudente aqui já teme
Naõ tenho a necessaria força , e arte.
Corra o fabio Piloto , corra , e venha
Reger o duro leme.

Como succede á não no mar , succede
Aos homens na ventura , e na desgraça :
Basta ao feliz naõ ter total demencia ,
Mas quem de venturoso a triste passa ,
Deve entregar o leme do discurso
Nas mãos da sã prudencia.

Todo o Ceo se cubrio , os raios chovem ;
E esta alma , em tanta pena consternada ,
Nem sabe aonde possa achár conforto.
Ah , naõ , naõ tardes , vem , Marilia amada ,
Toma o leme da não , marêa o panno ,
Vai-a salvar no porto.

Mas

Mas ouço já de Amor as fabias vozes :
Elle me diz que soffra se naõ morro ;
E perco entaõ se morro huns doces laços.
Naõ quero já , Marilia , mais soccorro ,
Oh ditoso soffrer , que lucrar pôde
A gloria dos teus braços.

L Y R A VI.

D E que te queixas ,
Lingua importuna ?
De que a Fortuna
Roubar-te queira ,
O que te deu ?
Este foi sempre
O genio seu.

Le-

Levou, Marilia,
A impia forte
Catoens á morte;
Nem sepultura
Lhes concedeu.

Este foi sempre
O genio seu.

A outros muitos,
Que vís nascêraõ,
Nem merecêraõ,
A grandes thronos
A impia ergueu.

Este foi sempre
O genio seu.

Espalha a cega
Sobre os humanos
Os bens, e os damnos ;
E a quem se devaõ
Nunca escolheu.

Este foi sempre
O genio seu.

A quanto he justo ,
Já mais se dobra ;
Nem igual obra
C'os mesmos Deoses
Do céo Ceo.

Este foi sempre
O genio seu.

Só

Sóbe ao Ceo Venus

N'hum carro ufano;

E cahe Vulcano

Da pura esfera,

Em que nasceu.

Este foi sempre

O genio seu.

Mas não me rouba,

Bem que se mude,

Honra, e virtude:

Que o mais he della,

Mas isto he meu.

Este foi sempre

O genio seu.

L Y R A VII.

MEu prezado Glauceste,
Se fazes o conceito,
Que bem que réo abrigo
A candida Virtude no meu peito.
Se julgas, digo, que mereço ainda
Da tua mão socorro;
Ah! vem dar-m'o agora,
Agora sim que morro.

Naõ quero, que montado
No Pegaso fogoso,
Venhas com dura lança
Ao monstro infame traspassar raivoso.
Deixa que viva a perfida calunia,
E forge o meu tormento:
Com menos, meu Glauceste,
Com menos me contento.

To-

Toma a lyra doirada,
E toca hum pouco nella:
Levanta a voz celeste
Em parte que te escute a minha bella;
Enche todo o contorno de alegria;
Naõ soffras, que o desgosto
Affogue em pranto amargo
O seu divino rosto.

Eu sei, eu sei, Glauceste,
Que hum bom Cantor havia,
Que os brutos amansava;
Que os troncos, e os penedos attrahia.
De outro destro Cantor tambem affirma;
A sábia Antiguidade,
Que as muralhas erguéra
De huma grande Cidade.

Or-

Orfeo as cordas fere ;
O som delgado , e terno
Ao Rei Plutaõ abranda ,
E o deixa que penetre o fundo Averno.
Ah , tu a nenhum cedes , nem Glauceste ,
Na lyra , e mais no canto :
Podes fazer prodigios ;
Obrar ou mais , ou tanto.

Levanta pois as vozes :
Que mais , que mais esperas ?
Confola hum peito afflito ;
Que he menos inda , que domar as feras.
Com isto me darás no meu tormento
Hum doce lenitivo ,
Que em quanto a bella vive ;
Tambem , Glauceste , vivo.

L Y R A VIII.

Eu vejo, ó minha bella, aquelle Numen,
A quem o nome deraõ de Fortuna,
Pega-me pelo braço,
E com voz importuna
Me diz que move o passo;
Que entre no grande Templo, em q̄ se encerra
Quanto o destino manda,
Que ella obre sobre a terra.

Que coizas portentosas nelle encontro!
Eu vejo a pobre fundaçao de Roma,
Vejo-a queimar Carthago;
Vejo que as gentes doma;
E vejo o seu estrago.
Lá florece o poder do Assyrio Povo:
Aqui os Medos crescem
E os perde hum braço novo.

En-

Então me diz a Deosa : *E que pertendes ?
Todas estas Medalhas ver agora ?*

*Ab ! não , não sejas louco !
Espaço de annos fôra
Para isso ainda pouco.*

*Deixa estranhos sucessos ; vem comigo ,
Verás quanto inda deve
Acontecer contigo .*

Levou-me a onde estava a minha historia,
Que toda me explicou com medo , e arte.

*Tirei-te libras de oiro ,
Me diz , e quero dar-te
Todo aquelle thejoiro.*

*Naõ suspira por bens hum peito nobre :
Sevéro lhe respondo.*

Vivo affeito a ser pobre.

Aqui

Aqui me enruga a Deosa irada a testa,
E fica sem fallar hum breve espaço.

*Alegra, alegra o rosto,
Prosegue, ali te faço
Restituir o posto.*

Respondo com ar de mofa, e tom sereno.

*Conheço-te, Fortuna,
Poujo mirrer pequeno.*

Aqui te dou, me diz, a tua amada.

Então me banho todo de alegria
*Cuidei, me torna a cega,
Que essa alma não queria
Nem esta mesma entrega.*

He esse o bem, respondo, que me move;
*Mas este bem he santo,
Vem só da mão de Jove.*

Que

Queria mais fallar ; eu insoffrido
Desta maneira rompo os seus accentos :

*Basta , Fortuna , basta ;
Estes breves momentos
Lá noutras coizas gasta ;
Da minha sorte nada mais contemplo.
E chamando Marilia
Suspiro , e deixo o Templo.*

L Y R A IX.

A Estas horas
Eu procurava
Os meus Amores ;
Tinhaõ-me inveja
Os mais Pastores.

A porta abria ,
Inda esfregando
Os olhos bellos ,
Sem flor , nem fita
Nos seus cabellos :

Ah ! que assim mesmo
Sem compostura ,
He mais formosa ,
Que a estrella d'alva ,
Que a fresca rosa.

Mal eu a via ,
Hum ar mais leve ,
(Que doce effeito !)
Já respirava
Meu terno peito.

Do

Do cerco apenas
Soltava o gado ,
Eu lhe animava
Aquella ovelha
Que mais amava.

Dava-lhe sempre
No rio , e fonte ,
No prado , e selva ,
Agua mais clara ,
Mais branda relva.

No collo a punha ,
Entao brincando
A mim a unia ;
Mil coizas ternas
Aqui dizia.

Se

Marilia vendo
Que eu só com ella
He que fallava;
Ria-se a furto,
E disfarçava.

Desta maneira
Nos caídos peitos,
De dia, em dia
A nossa chamma
Mais se accendia.

Ah ! quantas vezes
No chaõ sentado,
Eu lhe lavrava
As finas rócas,
Em que fiava ?

Da mesma sorte
Que á sua amada ,
Que está no ninho ,
Fronteiro canta
O passarinho.

Na quente séta ,
Della defronte ,
Eu me entretinha
Movendo o ferro
Da sanfoninha.

Ella por dar-me
De ouvir o gosto ,
Mais se chegava :
Então vaidoso
Assim cantava :

Naõ

Naõ ha Pastora,
Que chegar possa
A' minha bella;
Nem quem me iguale
Tambem na estrella:

Se Amor concede
Que eu me recline
No branco peito,
Eu naõ invejo
De Jove o leito:

Ornaõ seu peito
As sãs virtudes,
Que nos namoraõ;
No seu semblante
As Graças moraõ.

Assim vivia :
 Hoje em suspiros
 O canto mudo :
 Assim , Marilia ,
 Se acaba tudo.

L Y R A X.

ARDE o velho barril , arde a cabeça ,
 Em honra de Joaõ na larga rua ;
 O credulo Mortal agora indaga ,
 Qual seja a forte sua ?

Eu naõ tenho alcaxofra , que á luz chegue ,
 E nella orvalhe o Ceo de madrugada ,
 Para ver se rebentaõ novas folhas ,
 Aonde foi queimada.

Taõ-

Tambem naõ tenho hum ovo , que despeje
Dentro de hum cópo d'agua , e posla nella
Fingir Palacios grandes , altas Torres ,
E huma Náo já véla.

Mas, ah ! em bem me lembré: eu tenho ouvido
Que na boca hum bochecho d'agoa tome ,
E atráz de qualquer porta attento esteja ,
Até ouvir hum nome.

Que o nome , que primeiro ouvir , he esse
O nome , que ha de ter a minha amada:
Pode verdade ser , se fôr mentira ,
Tambem naõ custa nada.

Vou tudo executar , e de repente
Ouvi dizer o nome de Filena :
Despejo logo a boca : ah ! naõ sei como
Naõ morro alli de pena !

Apparece Cupido : entaõ soltando
Em ar de zombaria huma risada.
E que tal , me pergunta , esteve a peça ?
Naõ foi bem pregada ?

Eu já te disse , que Marilia he tua :
Tu fazes do meu dito tanta conta ,
Que vais acreditar , o que te ensina
Velha mulher já tonta.

Humilde lhe respondo : quem debaixo
Do açoite da Fortuna afflito geme ,
Nas mesmas coisas , que só saõ brinquedos ,
Se agoiraõ males , teme.

LYRA XI.

SE acalo naõ estou no fundo Averno.
Padece, ó minha bella, sim padece
O peito amante, e terno,
As afflições tyrannas, que os Precitos
Arbítra Rhadamantho em justa pena
Dos barbaros delictos.

As Furias infernaes, rangendo os dentes
Com a mão descarnada naõ me applicaõ
As raivosas serpentes.

Mas cercaõ-me outros monstros mais irados:
Mordem-me sem cessar as bravas serpes
De mil, e mil cuidados.

Eu não gasto, Marilia, a vida toda
 Em lançar o penedo da montanha;
 Ou em mover a roda.

Mas tenho ainda mais cruel tormento:
 Por coisas que me affigem, roda, e gyra
 Cançado pensamento.

Com retorcidas unhas agarrado
 A's tepidas entranhas não me come
 Hum abutre esfaimado.

Mas sinto de outro monstro a crueldade:
 Devora o coração, que mal palpita,
 O abutre da saudade.

Não vejo os pomos, nem as aguas vejo,
 Que de mim se retiraõ, quando busco
 Fartar o meu desejo;
 Mas quer, Marilia, o meu destino ingrato,
 Que lograr-te não posso, estando vendo
 Nesta alma o teu retrato.

Estou no Inferno, estou, Marilia bella ;
E n'uma coisa só he mais humana
A minha dura estrella :
Huns naõ podem mover do Inferno os passos ;
Eu pertendo vôar, e vôar cedo
A gloria dos teus braços.

L Y R A XII.

A H , Marilia , que tormento
Naõ tens de sentir saudosa !
Naõ podem ver os teus olhos
A campina deleitosa ,
Nem a tua mesma Aldêa ,
Que tyrannos naõ proponhaõ
A'inda inquieta idéa
Huma imagem de affliçao .

Mandarás aos surdos Deoses
Novos suspiros em vaõ .

Quan-

Quando levares, Marilia,
Teu ledo rebanho ao prado
Tu dirás: aqui trazia
Dirceo tambem o seu gado.
Verás os sítios ditosos
Onde, Marilia, te dava
Doces beijos amoroços
Nos dedos da branca mão.

Mandarás aos surdos Deoses
Novos suspiros em vão.

Quando á janella sahires
Sem quereres, descuidada,
Tu verás, Marilia, a minha
E minha pobre morada.
Tu dirás entaõ comigo:
Alli Dirceo esperava
Para me levar consigo:
E alli soffreo a prisão.

Mandarás aos surdos Deoses
Novos suspiros em vão.

Quan-

Quando vires igualmente
 Do caro Glauceste a choça,
 Onde alegres se juntavaõ
 Os poucos da escolha nossa,
 Pendo os olhos na varanda
 Tu dirás , de mágoa chêa :
 Todo o congresso alli anda,
 Só o meu Amado naõ.

Mandarás aos surdos Deoses
 Novos suspiros em vaõ.

Quando passar pela rua
 O meu companheiro honrado ,
 Sem que me vejas com elle
 Caminhar emparelhado ,
 Tu dirás : naõ foi tyranna
 Sómente comigo a forte ;
 Tambem cortou deshumana
 A mais fiel união .

Mandarás aos surdos Deoses
 Novos suspiros em vaõ.

N'uma masmorra metido
Eu naõ vejo imagens destas,
Imagens, que saõ por certo
A quem adora funestas.
Mas se existem separadas
Dos inchados rôxos olhos,
Estaõ, que he mais, retratadas
No fundo do caraçao.

Tambem mando aos surdos Deoses
Tristes suspiros em vaõ.

L Y R A XIII.

Ves, Marilia, hum cordeiro
 De flores enramado,
 Como alegre caminha
 A ser sacrificado?

O Povo para o Templo já concorre:
 A Pyra sacro-santa já se accende:
 O Ministro o fere, elle bala, e morre.

Vês agora o novilho,
 A quem segura o laço:
 No chaõ as mãos especia:
 Nem quer mover hum passo:
 Naõ conhece que sahe de hum máo terreno;
 Que o forte pulso, que a seguir o arrasta,
 O conduz a viver n'um campo ameno.

Igno-

Ignora o bruto , como
Lhe dispomos a forte :
Hum vai forçado á vida ,
Vai outro alegre á morte ,
Nós temos , minha bella , igual demencia :
Não sabemos os fins , com que nos move
A sábia , occulta Mão da Providencia.

De Jacob ao bom filhô
Os máos matar quijeraõ :
De conselho mudáraõ ,
Como escravo o vendêraõ :
José naõ corre a ser hum servo afflito :
Vai subindo os degráos , por onde chega
A ser hum quasi Rei no grande Egypio.

Quem

Quem sabe se o Destino
 Hoje , ó bella, me prende ,
 Só porque nisto de outros
 Mais damnos me defende?
 Pôdeinda raiar hum claro dia.
 Mas quer raie , quer não , ao Ceo adoro ;
 E beijo a santa mão , que assim me guia.

L Y R A XIV.

Alma digna de mil Avós Augustos !
 Tu fentes , tu soluças
 Ao ver cahir os justos ;
 Honras as santas leis da Humanidade :
 E aos teus exemplos deve
 Gravar com letras de oiro no seu Templo
 A candida Amizade.

mou

Não

Naõ he , naõ he de Heróe huma alma forte ,
Que vê com rosto enchuto
No seu igual a morte.

Naõ he tambem de Heróe hum peito duro ,
Que a sua gloria firma ,
Em que lhe naõ resiste ao ferro , e fogo ,
Nem legião , nem muro.

Oh ! quanto ousado Chefe me namora ,
Quando vê a cabeça
Do bom Pompeo , e chora !

He grande para mim , quem move os passos ,
E de Dario aos filhos ,
Que como escravos ieus tratar podéra ,
Recebe nos seus braços.

Se alcança Eneas , Capitão piedoso ,
Entre os Heróes do Mundo
Hum nome glorioso ,
Não he , porque levanta huma cidade ;
He sim , porque nos hombros
Salvou do incendio ao Pai a quem detinha
A mão da branca idade.

Ah ! se ao meu contrario entre as chamas vira ,
Eu mesmo , sim , da morte
Aos hombros o remira :
Inda por elle muito mais obrára :
E se nada servisse ,
Fizera entaõ , Amigo , o que fizeste ,
Gemera , e suspirára.

Oh ,

Oh ! quanto saõ duraveis as cadéas
De huma amizade, quando
Se daõ iguaes idéas !
Se a pezar dos estorvos se sustinha
Nossa uniaõ sincera,
Foi por ser a minha alma igual á tua ,
E a tua igual á minha.

Se , ó caro Amigo , te merece tanto ,
Lá lhe fica a sua alma , ,
Limpa-lhe o terno pranto.
De quem eu fallo , és tu , Marilia bella.
Ah ! sim , honrado Amigo ,
Se enxugar naõ poderes os seus olhos ;
Prantêa entaõ com ella.

L Y R A XV.

E U , Marilia , naõ fui nenhum Vaqueiro;
Fui honrado Pastor da tua Aldêa ;
Vestia finas lâns , e tinha sempre
A minha chôça do preciso chêa.
Tiraraõ-me o casal , e o manso gado ,
Nem tenhoça que me encoste hum só cajado.

Para ter , que te dar , he que eu queria
De mór rebanho ainda ser o dono ;
Prezava o teu semblante , os teus cabellos
Ainda muito mais que hum grande Throno.
Agora que te offerte já naõ vejo
Além de hum puro amor , de hum saõ desejo.

Se

Se o rio levantado me causava
Levando a sementeira prejuízo,
Eu alegre ficava apenas via
Na tua breve boca humar de riso.
Tudo agora perdi; nem tenho o gosto
De ver-te ao menos compassivo o rosto.

Propunha-me dormir no teu regaço
As quentes horas da comprida festa,
Escrever teus louvores nos olmeiros,
Toucar-te de papoilas na floresta.
Julgou o justo Ceo, que não convinha
Que a tanto grão subisse a gloria minha.

Ah, minha bella, se a Fortuna volta,
Se o bem que já perdi alcanço, e provo;
Por essas brancas mãos, por essas faces
Te juro renascer hum homem novo;
Romper a nuvem que os meus olhos cerra,
Amar no Ceo a Jove, e ati na terra.

Fiadas comprarei as ovelhinhas,
 Que pagarei dos poucos do meu ganho;
 E dentro em pouco tempo nos veremos
 Senhores outra vez de hum bom rebanho.
 Para o contagio lhe naõ dar sobeja
 Que as affague Marilia, ou só que as veja.

Se naõ tivermos lans, e pelles finas,
 Podem mui bem cobrir as carnes nossas
 As pelles dos cordeiros mal cortidas,
 E os pannos feitos com as lans mais grossas.
 Mas ao menos será o teu vestido
 Por mãos de Amor, por minhas mãos cozido.

Nós iremos pescar na quente sésta
 Com canas, e com céstos os peixinhos:
 Nós iremos caçar nas manhãs frias
 Com a vara envisgada os passarinhos.
 Para nos divertir faremos quanto
 Reputa o varão sabio, honesto, e santo.

Nas

Nas noites de seraõ nos sentaremos
C'os filhos se os tivermos á fogueira;
Entre as falsas historias , que contares ,
Lhes contarás a minha verdadeira:
Pañados te ouviráõ; eu entre tanto
Ainda o rosto banharei de pranto.

Quando passarmos juntos pela rua
Nos mostraráõ c'o dedo os mais Pastores ,
Dizendo huns para os outros : olha os nossos
Exemplos da desgraça , e saõs 'amores.
Contentes viviremos desta sorte ,
Até que chegue a hum dos dois a morte.

L Y R A XVI.

V Ejo, Marilia,
Que o nédeo gado
Anda disperso
No monte, e prado;
Que assim succede
Ao desgraçado,
Que a perder chega
O seu Pastor.
Masinda soffro
A viva dôr.

Tam-

Tambem conheço ,
Que os Pegureiros ,
Que apascentavaõ
Os meus cordeiros ,
Daraõ suspiros
E verdadeiros ;
Porque perdéraõ
Hum pai no amor.
Mas inda soffro
A viva dôr.

Eu mais alcanço ;
Que a minha herdade
Estando eu prezo ,
Soffrer naõ ha-de
Nem a charrua ,
E nem a grade ;
Que a mão lhe falta
Do Lavrador.
Mas inda soffro
A viva dôr.

Mas

Mas quando sobe
A' minha idéa ,
Que tu ficasse
Lá nessa Aldêa.
De mil cuidados
E mágoa cheia ;
Das paixões minhas
Naõ sou senhor.
Eu já naõ soffro
A viva dôr.

A quanto chega
A pena forte !
Peza-me a vida ,
Desejo a morte ,
A Jove accuso ,
Maldigo a sorte ,
Trato a Cupido
Por hum traidor.
Eu já naõ soffro
A viva dôr.

Mas

Mas este excesso
Perdaõ merece,
E delle Jove
Se compadece;
Que Jove, ó bella,
Mui bem conhece,
Aonde chega
Paixaõ de amor.
Eu já naõ soffro
A viva dôr.

LY-

L Y R A XVII.

D Irceo te deixa, ó bella,
De padecer cançado:
Frio suor já banha
Seu rosto descórado ;
O sangue já não gyra pela vêa,
Seus pulsos já não batem;
E a clara luz dos olhos se bacêa :
A lagrima sentida já lhe corre ;
Já pára a convulsaõ , suspira , e morre.

Seu

Seu espirito chega
Onde se pune o erro :
Late o cao , e se lhe abrem
Grossos portões de ferro.
Aos severos Juizes se appresenta ;
E com sentidas vozes
Toda a sua tragedia representa :
Enche-se de ternura , e novo espanto
O mesmo inexoravel Rhadamantho.

Abre hum pasmado a boca ,
E a pedra nao despede ;
Outro ja nao se lembra
Da fome , e mais da sede :
Descanca o curvo bico , e agarra impia
Negro abutre esfaimado :
Nem a roca medonha a Parca fia ,
Até as mesmas Furias inclementes
Deixaõ cahir das unhas as serpentes.

Já

Já votaõ os Juizes ;
 E o Rei Plutaõ lhe ordena
 Deixe o sitio , em que ficaõ
 Almas dignas de pena.

Já sahe do escuro Reino , e da memoria
 Lhe passa tudo quanto

Ou pôde dar-lhe mágoa , ou dar-lhe gloria.
 Só , bem que o gosto as turvas agoas tome ,
 Inda , Marilia , inda diz teu nome.

Entra já nos Elysios
 Campinas venturoſas ,
 Que mansos rios cortaõ ,
 Que cobrem sempre as rosas.
 Escuta o canto das sonoras aves ,
 E bebe as agoas puras ,
 Que o mel , e de que o leite mais suaves.
 Aqui , diz elle , espero a minha bella ,
 Aqui contente viverei com ella.

Aqui

Aqui... porém aonde
Me leva a dôr activa?
He illusão desta alma.
Jove inda quer que eu viva.
Eu devo sim gosar teus doces laços;
E em paga dos meus males
Devo morrer, Marilia, nos teus braços.
Entaõ eu passarei ao Reino amigo;
E tu irás depois lá ter comigo.

L Y.

L Y R A XVIII.

Não mólho, Marilia,
De pranto a maſmorra
Que o terno Cupido
Naô vôle, e naô corra ,
A hilo apanhar.
Estende-o nas azas
Sobre elle suspira ,
Por fim se retira ,
E vai-to levar.

Se

Se o moço naõ mente,
Aos tristes gemidos,
Aos ais lastimolos
Naõ guardes unidos,
Marilia, c'os teus:
As lagrimas nossas
No seio amontôa
Fórm'a azas, e vôa,
Vai pô-las nos Ceos.

A Deosa formosa,
Qua amava aos Troianos,
Livre-los querendo
De ricos, e danmos
A Jove buscou.
As aguas, que o rosto
Da Deosa banhariaõ
A Jove abrandáraõ,
E assim os salvou.

Con-

Confia-te, ó bella,
Confia-te em Jove;
Ainda se abranda,
Ainda se move
Com ancias de amor.
O pranto de Venus,
Que obrou no Pai tanto,
Naõ tem que o teu pranto
Apreço maior.

L Y R A XIX.

N Esta triste masmorra,
De hum semivivo corpo sepultura,
Inda, Marilia, adoro
A tua formosura.

Amor na minha idéa te retrata,
Busca extremoso, que eu assim resista
A' dôr imensa, que me cerca, e mata.

Quando em meu mal pondero,
Então mais vivamente te diviso:
Vejo o teu rosto, e escuto
A tua voz, e riso.
Movo ligeiro para o vulto os passos:
Eu beijo a tibia luz em vez de face;
E aperto sobre o peito em vaõ os braços.

Taõ-

Conheço a illusão minha ;
A violencia da mágoa não supporto ;
Foge-me a vista , e caio
Não sei se vivo , ou morto.
Enternece-se Amor de estrago tanto ;
Reclina-me no peito , e com mão terna
Me limpa os olhos do salgado pranto.

Despois que represento
Por largo espaço a imagem de hum defunto ,
Movo os membros , suspiro ,
E onde estou pergunto.
Conheço então que Amor me tem comigo ;
Ergo a cabeça , queinda mal sustento ,
E com doente voz assim lhe digo.

Se queres ser piedoso,
Procura o sitio em que Marilia móra,
Pinta-lhe o meu estrago,
E vê, Amor, se chora.
Se a lagrimas verter a dôr a arrasta,
Huma dellas me traze sobre as pennas,
E para allivio meu só isto basta.

L Y R A XX.

S E me visles com teus olhos
Nesta masmorra mettido;
De mil idéas funestas,
E cuidados combatido:
Qual seria, ó minha bella,
Qual seria o teu pezar?

A' força da dôr cedera ;
 E nem estaria vivo ,
 Se o menino Deos vendado ,
 Extremoço , e compassivo ,
 Com o nome de Marilia
 Naõ me vieile animar.

Deixo a cama ao romper d'alva ;
 O meio dia tem dado ,
 E o cabello inda flutua
 pelas costas desgrenhado .
 Naõ tenho valor , naõ tenho ;
 Nem para de mim cuidar.

Diz-me Cupido : E Marilia ;
 Naõ estima esse cabello ?
 Se o deixas perder de todo
 Naõ se ha de enfadar ao vello ?
 Suspiro pego no pente ,
 Vou logo o cabello atar.

Vem

Vem hum taboleiro entrando
 De varios manjares cheio ,
 Põe-se na meza a toalha ,
 E eu pensativo passeio :
 De todo o comer esfria ,
 Sem nelle poder tocar.

Eu entendo que matar-te ,
 Diz Amor , te tens proposto ;
 Fazes bem : terá Marilia
 Desgosto sobre desgosto .
 Qual enfermo c' o remedio
 Me afflijo , mas vou jantar.

Chegaõ as horas Marilia ,
 Em que o Sol já se tem posto ,
 Vem-me á memoria que nellas
 Via á janella o teu rosto :
 Reclino na mão a face
 E entro de novo a chorar.

Diz-me Cupido : Já basta,
 Já basta , Dirceo , de pranto ;
 Em obsequio de Marilia
 Vai erguer teu doce canto.
 Pendem as fontes dos olhos ,
 Mas eu sempre vou cantar.

Vem o Forçado accender-me
 A velha çuja candêa ;
 Fica , Marilia , a masmorra
 Inda mais triste , e mais fêa.
 Nem mais canto , nem mais posso
 Huma só palavra dar.

Diz-me Cupido : São horas
 De escrever-se o que está feito ;
 Do azeite , e da fumaça
 Huma nova tinta ageito ,
 Tomo o pão , que penna finge ,
 Vou as Lyras copiar.

Sem

Sem que chegue o leve sono
Canta o Gallo a vez terceira ;
Eu digo ao Amor ; que fico
Sem deitar-me a noite inteira :
Faço mimos , e promessas
Para elle me acompanhar.

Elle diz que em dormir cuide ,
Que hei-de ver Marilia em sonho ;
Naõ respondo huma palavra ,
A dura cama componho ,
Apago a triste candêa ,
E vou-me logo deitar.

Como pôde a taes cuidados
Risistir , ó minha Bella ,
Quem naõ tem de Amor a graça ?
Se eu que vivo á sombra della
Inda vivo desta sorte ,
Sempre triste a suspirar ?

L Y R A XXI.

Que diversas que saõ , Marilia , as horas
Que passo na masmorra immunda , e fêa ,
Dellas horas felizes , já passadas
Na tua patria Aldêa.

Entaõ eu me ajuntava com Glauceste ;
E á sombra de alto Cédro na Campina
Eu versos te compunha , e elle os compunha
A' sua cara Eulina.

Cada qual o seu canto aos Astros leva ;
De exceder hum ao outro qualquer trata
O ecco agora diz : *Marilia terna* ;
E logo : *Eulina ingrata*.

Dei-

D E D I R C E O.

71

Deixaõ os mesmos Sátyros as grutas :
Hum para nós ligeiro move os passos ;
Ouve-nos de mais perto , e faz a flauta
C'os pés em mil pedaços.

Dirceo (clama hum Pastor,) ah ! bem merece
Da ternissima Marilia a formosura.
E aonde , clama o outro , quer Eulina
Achar maior ventura ?

Nenhum Pastor cuidava do rebanho ,
Em quanto em nós durava esta porfia.
E ella , ó minha amada , só findava
Depois de acabar-se o dia.

A' noite te escrevia na cabana
Os versos , que de tarde havia feito ;
Mal tos dava , e os lias , os guardavas
No casto , e branco peito.

Bei-

Beijando os dedos dessa mão formosa,
Banhados com as lagrimas do gosto,
Jurava naõ cantar mais outras graças
Que as graças do teu rosto.

Ainda naõ quebrei o juramento.
Eu agora, Marilia, naõ as canto;
Mas inda vale mais que os doces versos
A voz do triste pranto.

L Y R A XXII.

Por morto , Marilia ,
Aqui me reputo :
Mil vezes escuto
O som do arrastado ,
E duro grilhaõ.
Mas , ah ! que naõ treme ,
Naõ treme de susto
O meu coraçaõ.

A chave lá sôa
Na porta segura:
Abre-se a escura,
Infame masmorra
Da minha prizaõ.
Mas , ah ! que naõ treme,
Naõ treme de susto
O meu coraçaõ.

Eu vejo , Marilia ,
A mil innocentes
Nas Cruzes pendentes ,
Por falsos delictos ,
Que os homens lhes daõ.
Mas , ah ! que naõ treme,
Naõ treme de susto
O meu coraçaõ.

Se penso que posso
Perder o gozar-te
A gloria de dár-te
Abraços honestos ,
E beijos na mão.
Marilia , já treme ,
Já treme de susto
O meu coraçao.

Repára , Marilia ,
O quanto he mais forte
Ainda que a morte ,
N'um peito esforçado
De amor a paixaõ.
Marilia , já treme ,
Já treme de susto
O meu coraçao.

L Y R A XXIII.

Não praguejes, Marilia, não praguejes
A justiciera mão que lança os ferros :
Não traz de balde a vingadora espada ;
Deve punir os erros.

Virtudes de Juiz, virtudes de homem
As mãos se deraõ, e em seu peito moraõ.
Manda prender ao Réo austera a boca ,
Porém seus olhos choraõ.

Se á innocencia denigre a vil calumnia
Que culpa aquelle tem que applica a penna.
Não he o Julgador, he o processo ,
E a lei quem nos condenma.

Só

Só no Averno os Juizes não recebem
Accusaçāo , nem prova de outro humano ;
Aqui todos confessão suas culpas ,
Naô pôde haver engano.

Eu vejo as Furias affligindo aos tristes :
Huma o fogo chega , outra as serpes move ;
Todos maldizem sim a sua estrella ,
Nenhum accusa a Jove.

Eu tambem inda adoro ao grande Chefe ,
Bem que a prizaõ me dá que eu naô mereço.
Qual eu sou , minha bella , naô me trata ,
Trata-me qual pareço.

Quem suspira , Marilia , quando pune
Ao vassallo que julga delinquente ;
Que gosto naô terá podendo dar-lhe
As horas de innocent?

L Y R A XXIV.

EU vou, Marilia, vou brigar co' as feras:
Huma soltáraõ, eu lhe sinto os passos,
Aqui aqui a espero
Nestes despidos braços.
He hum malhado tigre; a mim já corre,
Ao peito o aperto, estalaõ-lhe as costelas,
Desfallece, cahe, urra, tremie, e morre.

Vem

Vem agora hum Leão : sacode a grenha ,
Com faminta paixaõ a mim se lança ;
Venha embora , que o pulso
Ainda não se cança .

Opprimo-lhe a garganta , a lingua estira ,
O corpo lhe fraquêa , os olhos inchaõ ,
Açoita o chaõ convulso , arqueja , e espira .

Mas que vejo , Marilia ! tu te assustas ?
Entendes que os destinos inhumanos
Expoem a minha vida
No cérco dos Romanos ?
Com ursos , e com onças eu não luto .
Luto c' o bravo monstro que me accusa ;
Que os tigres , e leões mais féro , e bruto .

Em-

Embora contra mim raivoso e' grima
Da vil calumnia a cortadora espada;

Huma alma , qual eu tenho ,
Naõ se recêa a nada.

Eu hei-de , sim , punir-lhe a insolencia ,
Pizar-lhe o negro cóllo , abrir-lhe o peito
Co' as armas invenciveis da innocencia.

Ah , quando imaginar , que vingativo
Mando que desça ao Tartaro profundo

Hei-de com mão honrada
Erguer-lhe o corpo immundo.

Eu entaõ lhe direi : Infame , indôno ,
Obras como costuma o vil humano ;
Faço o que faz hum coração divino.

LYRA XXV.

Minha Marilia,
O passarinho,
A quem roubáraõ
Ovos, e ninho,
Mil vezes poufa
No seu raminho,
Piando finge
Que anda a chorar.

Mas logo vôa
Pela espessura,
Nem mais procura
Este lugar.

Se acafo a vacca
Perde a vitela,
Tambem nos mostra,
Que se desvela,
O pasto deixa,
Muge por ella,
Até na estrada
A vem buscar.

Em poucos dias,
Ao que parece,
Della se esquece,
E vai pastar.

O voraz Tempo ,
Que o ferro come ,
Que aos meſmos Reinos
Devora o nome ,
Tambem , Marilia ,
Tambem consome
Dentro do peito
Qualquer pezar .

Ah ſó naõ pôde
Ao meu tormento
Por hum momento
Allivio dar

Tambem, ó bella,
Naõ ha quem viva
Instantes breves
Na chamma activa;
Derrete ao bronze
Sendo excessiva
Ao mesmo feixo
Faz estalar.

Mas do amianto
A fêbra dura
Na chamma atura
Sem se queimar.

Tam-

Tambem , Marilia ,
Naõ ha quem negue ,
Que bem que o fogo
Nos oleos pegue ,
Que bem que em lingoas
A's nuvens chegue ,
A' força d' agoa
Se ha de apagar.

Se a negra pedra
Nós accendemos ,
Com agoa a vemos
Mais s' inflammar.

O meu discurso ,
Marilia , he resto :
A pena iguala
Ao meu affecto.
O amor que nutro
Ao teu aspecto ,
E o teu semblante
He singular.

Ah ! nem o tempo ,
Nem inda a morte
A dôr taõ forte
Pode acabar.

L Y R A XXVI.

A Quelle , a quem fêz cégo a Natureza ,
C'o bordão apalpa , e aos que vem pergunta ;
Ainda se despenha muitas vezes ,
E dois remedios junta.

De ser céga a Fortuna eu naõ me queixo ;
Sim me queixo de que má céga seja
Céga que nem pergunta , nem apalpa ,
He porque errar deseja.

A quem gastar naõ sabe , nem se anima ,
Entrega as grossas chaves de hum thesoiro :
E lança na miseria a quem conhece
Para que serve o oiro.

A quem fere , a quem rouba , a infame deixa
Que a traz do vicio em liberdade corra ,
Eu honro as leis do Imperio , ella me opprime
N' esta vil masmorra.

Mas ah ! minha Marilia , que esta queixa
Co' a sólida razaõ se naõ coaduna ,
Como me queixo da Fortuna tanto ,
Se sei naõ ha Fortuna ?

Os Fados , os Destinos , essa Deosa
Que os Sábios fingem que huma roda move ,
He só a occulta mão da Providencia ,
A sábia mão de Jove.

Nós he que somos cégos , que naõ vemos ;
A que fins nos conduz por estes modos ;
Por torcidas estriadas , ruins varedas
Caminha ao bem de todos.

Ale-

Alegre-se o perverso com as ditas;
C' o seu merecimento o virtuoso;
Parecer desgraçado, ó minha bella,
He muito mais honroso.

L Y R A XXVII.

A Minha amada
He mais formosa
Que branco lyrio,
Dobrada rosa,
Que o cinnamomo,
Quando matiza
Co' a folha a flor.
Venus naõ chega
Ao meu Amor.

Vas-

Vasta campina
De trigo chéa,
Quando na festa
C' o vento ondêa,
Ao seu cabello
Quando flutua
Naõ he igual.
Tem a côr negra:
Mas quanto val !

Os astros , que andaõ
Na esfera pura ,
Quando scintillaõ
Na noite escura ,
Naõ saõ humanos ,
Taõ lindos , como
Seus olhos saõ.
Que ao Sol excedem
Na luz que daõ.

A's brancas faces,
Ah! não se atreve
Jaçmim de Italia,
Nem inda a neve,
Quando a desata
O Sol brilhante
Com seu calôr.
Saõ neve, e cauiaõ
No peito ardôr.

Na breve boca
Vejo enlaçadas
As finas pei'las
Com as granadas;
A par dos beiços
Rubins da India
Tem preço vil.
Nelles se agarraõ
Amores mil.

Se

Se naõ lhe dësse
Compadecido
Tanto socorro
O Deos Cupido ;
Se naõ vivéra
Huma esperança
No peito seu ;
Já morto estava
O bom Dirceo.

Vê quanto pôde
Teu bello rosto ;
E de goza-lo
O vivo gosto !
Que sobmergido
Em hum tormento
Quasi infernal ,
Porqu' inda espero
Resisto ao mal.

LYRA XXVIII.

D Eté-te, vil humano,
Naõ espremas cicutas
Para fazer-me damno.

O çumo que ellas daõ he pouco forte,
Procura outras bebidas,
Que apressem mais a morte.

Desce ao Reino profundo,
Ajunta ahi venenos,
Que nunca visse o mundo;

Traze o negro licôr, que tem nos dentes,
Nos dentes rerorcidos
As raivosas serpentes.

Ca-

Cachopo levantado,,
Que pôz a Natureza
Dentro no Mar salgado,
Naõ se abala no meio da tormenta,
Bem que huma onda, e outra onda
Sobre elle em flor rebenta.

Arvore , que na terra
As robustas raizes ,
Buscando o centro , afferra ,
Naõ teme ao furacaõ mais violento;
E menos se se deixa
Vergar do rijo vento.

Sou

Sou tronco, e rócha, ó bella,
Que açoita o Sul que brama,
E o Mar, que se encapella:
Não temas que do rosto a cõr se mude:
Vence as róchas, e os troncos
A sólida Virtude.

A maior desventura
He sempre a que nos lança
No horror da sepultura:
O cobarde a morrer tambem caminha;
Com que males naõ pôde
Huma alma como a minha?

L Y R A XXIX.

EU descubro procurar-me
Gentil mancebo , e loiro ,
Trazia a testa adornada
Com folhas de verde loiro.
Vejo ser o Pai das Musas ,
E me entrega a lyra d' oiro.

Já basta , me diz , ó filho ,
Já basta de sentimento ;
O cançado peito exige
Hum breve contentamento.
Louva a formosa Marilia
Ao som do meu instrumento.

Firo as cordas ; mas que importa ?
A dôr naõ socega em tanto.
Ergo a voz , entaõ reparo
Que quanto mais corre o pranto
He mais doce , e mais sonoro
Meu terno , e saudoso canto.

Apollo fitou os olhos
Na mão , que regia o braço ;
E depois de estar suspenso ,
De me ouvir hum largo espaço ,
Assim diz : o Deos Cupido
Faz inda mais do que eu faço.

*Eu te dou a minha lyra ,
Louva , louva a tua Bella ;
Porém vê que ta concedo
Com condiçao , e cautella . . .
Eu lhe corto a voz , dizendo ,
Que só canto em honra della.*

L Y R A XXX.

O Pai das Musas,
O Pastor loiro
Deo-me, Marilia,
Para cantar-te
A lyra de oiro.

As cordas firo,
O brando vento
Teus dotes leva
Nas brancas azas
Ao firmamento.

O teu cabello
Vale hum thesoiro;
Hum só me adorna
A sábia frente
Melhor que o loiro.

Nesses teus olhos
Amor assiste;
Delles faz guerra;
Ninguem lhe foge,
Ninguem resiste.

Algumas vezes
Eu o diviso
Taõ bem occulto
Nas lindas cóvas,
Que faz teu riso.

Nesses teus peitos
Tem os seus ninhos
Destros Amores,
Nelles se geraõ
Os Cupidinhos.

Vences a Venus,
Quando com arte
As armas toma,
Porque mais prenda
Ao fero Marte.

Eu produzia
Estas idéas,
Quando, Marilia,
O som escuto
Das vis cadéas.

Dou

D E D I R C E O.

101

Dou hum suspiro ,
Corre o meu pranto ;
E inda bebendo
Lagrimas tristes ,
De novo canto.

Sou da constancia
Hum vivo exemplo.
E vós , ó ferros ,
Honrareis inda
De Amor o Templo.

L X R A . XXXI.

Roubou-me, ó minha Amada, a forte impia,
Quanto de meu gosava
N'um só funesto dia.

Hon-

Honras de maioral , manada grossa ,
 Fertil , extensa herdade ,
 Bem reparada chôga.

Metteo-me nesta infame sepultura ,
 Que he sepulcro sem honras ,
 Breve masmorra , escura .

Aqui , ó minha Amada , nem consigo ,
 Venha outro desgraçado
 Sentir tambem comigo .

Mas se esta compagnha não mereço ;
 Os Deoses me dão outra ,
 Inda de mais apreço .

Não he , não , illusão o que te digo ;
 Tu mesma me acompanhás ;
 Peno , mas he contigo .

Não

Naõ vejo as tuas faces gôjofas ,
Os teus soltos cabellos ,
As tuas mäos mimosas.

Se eu as visse , infeliz me naõ distra ,
Bem que subira ao Pôtro ,
Bem que na Cruz pendêra.

Naõ ouço as tuas vozes magoadas ,
Com ardentes suspiros
A's vezes mal formadas.

Mas vejo , ó cara , as tuas letras bellas ;
Huma por huma beijo ,
E choro entaõ sobre ellas.

Tu me dizes que figa o meu destino ;
Que o teu amor na ausencia
Será leal , e fino.

De novo a carta ao coraçāo aperto,
De novo a molha o pranto
Que de ternura vertó.

Ah ! leve muito embora o duro Fado ,
A tudo quanto tenho
Com meu suor ganhado.

Eu juro, que do roubo nem me queixe,
Com tanto, ó minha cara ,
Que este só bem me deixe.

Que males voluntarios naõ subíraõ ,
Os que te amaõ , sómente
Porque menos te ouvíraõ ?

Dê pois aos mais seus bens a Deosa céga ;
Que eu tenho aquella gloria ,
Que a mil felizes nega.

L Y R A ~~XXXIL~~

SE o vasto mar se encapella,
E na rócha em flor rebenta,
Grossa não, q' naõ tem léme,
Em vaõ sustentar-se intenta;
Até que naufraga, e corre
A' discricaõ da tormenta.

Quem naõ tem huma Belleza,
Em que ponha o seu cuidado,
Se o Ceo se cobre de nuvens,
E se asfopra o vento irado,
Naõ tem forças que resistaõ
Ao impulso do seu fado.

Nef-

Nesta sombria násmorra,
Aonde, Marilia, vivo,
Encosto na mão o rosto,
Fico ás vezes pensativo.
Ah! que imagens tão funestas
Me finge o pezar activo.

Parece que vejo a honra,
Marilia, toda enlutada,
A face de hum pai rugosa,
N'um mar de pranto banhada,
Os amigos mafcilentos,
E a familia consternada.

Quero voltar os meus olhos
Para outro diverso lado,
Vejo n'uá grande Praça
Hum theatro levantado.
Vejo as Cruzes, vejo os Potros,
Vejo o Alfanje afiado.

Hum

Hum frio suor me cobre,
Laçaõ-se os membros, suspiro,
Busco allivio ás minhas aneias,
Naõ o descubro, deliro.
Já, meu Bem, já me parece,
Que nas mãos da morte espiro.

Vem-me entab ao pensamento
A tua testa nevada,
Os teus meigos, vivos olhos,
A tua face rosada,
Os teus dentes crystallinos,
A tua boca engraçada.

Qual, Marilia, a estrella d'alva,
Que a negra noite affugenta,
Qual o Sol, que a nevoa espalha
Apenas a terra aquenta,
Ou qual Iris, que o Ceo limpa,
Quando se vê na tormenta.

108 MARILIA DE DIRCEO.

Affim, Marilia, Idesterro
Triste illusão, e demencia;
Faz de novo o seu officio,
A razão, e a prudencia;
E firmo esperanças doces
Sobre a candida innocencia.

Restauro as forças perdidas,
Sóbe a viva cõr ao rosto;
Gyra o sangue pela vêa,
E bate o pulso composto.
Vê, Marilia, o quanto pôde
Contra os meus males teu rosto.

F I M.

Vende-se na Loja da Gazeta: